

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 7 QIM - Quadros Interactivos Multimédia

1

E de “repente” o quadro negro ficou branco e as coisas começaram todas a mexer... era o QIM! (*)

Jorge Lima

Terá tido a sua origem nas paredes das grutas ou na poeira do chão da savana... mas todos o conhecemos e muitos crescemos a temê-lo sempre que o sumário era: *Chamadas!* Outros tempos. O quadro negro era a moldura do professor, um quadro vivo onde, por magia, os alunos viam o conhecimento passar dos seus dedos para dentro do pau de giz e depois transformarem-se em letras, símbolos e desenhos.... E tudo isso em directo.

O quadro era negro mas também a centralidade da sala de aula, diziam-me, uma janela para o mundo. Corri o risco de ficar com a ideia de que o mundo era um sítio muito escuro em que tudo acontecia escrito a pau de giz, mas acho que a isso sobrevivi. Ficou-me, no entanto, a dúvida se o conhecimento não seria efémero, porque depois de acontecer ali à nossa frente, se não fosse copiado para o caderno, esfumava-se em pó ao ser apagado à pressa da campainha...

Os quadros negros eram placas de ardósia e havia até alguns que eram verdes, e assim permaneceram anos e anos... centro de todas as atenções, abrilhantados pela revolucionária tecnologia do giz de todas as cores, suportes para quase tudo o que alguns de nós ainda sabem, mas, também, responsáveis impunes por incontáveis alergias.

No entanto, nos anos 80 do século passado, este quadro começou a modificar-se. Construíram-se salas que tinham, não apenas uma parede para onde todos se viravam para assistir, mas sim quatro. As três, até aí ignoradas, ganharam notoriedade, placards, trabalhos de grupo... e cada aluno percebeu que não estava sozinho e cada professor também. A centralidade da sala mudou-se da parede do quadro negro para o seu destino geométrico... o centro da sala. As mesas e as cadeiras acompanharam essa mudança e o conhecimento ganhou a placa que agora se usa colocar nos sites *Em construção!*

Foi o tempo em que o quadro negro perdeu a soberania e teve que partilhar democraticamente o seu território com nova maquinaria: episcópios, retroprojectores, diaprojectores, videoprojectores e, pasme-se, computadores.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 7 QIM - Quadros Interactivos Multimédia

2

Viriam a ser estes últimos infames a ditar o seu fim, não pelo potencial, pelas mais valias, nem pelas alternativas. Corriam os meados da década de 90 e alguém se lembrou que o pó de giz lhe atacava as entranhas, embaciava-lhe os monitores e entupia-lhe o teclado. Cai o pó de giz, cai a ardósia, vivam a melamina, a porcelana e o magnetismo! Os quadros eram agora imaculadamente brancos, limpos, anti-alérgicos e até magnéticos.

Mas não se pense que tudo foram rosas para os quadros brancos. Os primeiros eram recobertos de melamina, difícil de limpar, o que mantinha os escritos passados como fantasmas dos escritos futuros. Só a porcelana aplicada sobre aço viria a ultrapassar definitivamente este problema, garantindo as melhores condições de escrita e apagamento, com a mais-valia de poder suportar elementos magnéticos e ainda de constituir uma razoável superfície de projecção.

Parecia assim que tudo estava inventado e esta história acabava aqui. Mas não. Desde o princípio dos anos 90 que se estava a preparar o futuro. Foi exactamente em 1991, que a *SMART Technologies* apresentou o primeiro *QIM – Quadro Interactivo Multimédia*.

Em traços gerais é um ecrã sobre o qual se projecta a imagem de um projector multimédia ligado a um computador. A partir daqui, tudo que é possível fazer no ecrã do computador, usando o software instalado, também o é no QIM, com a facilidade de, em vez do rato, apontarmos e seleccionarmos com uma caneta especial ou com o próprio dedo (em alguns tipos de QIM), e, para além disso, podermos capturar o que escrevemos ou desenhemos na superfície do quadro.

Já começaram a chegar às nossas escolas. É objectivo do *Plano Tecnológico para a Educação* assegurar um quadro interactivo em cada três salas de aula, até 2010, pelo que se trata de mais uma *ferramenta do conhecimento* que precisamos dominar e integrar nas nossas práticas e mais uma vez não porque sim, mas porque vem com vantagens incluídas.

A maior parte dos estudos sobre a relevância da sua utilização na aula considera o impacto positivo desta nova tecnologia no que respeita: à clareza das representações, à modelação e explicação de conceitos complexos, à motivação, participação e comportamento dos alunos e à melhoria do ritmo e ganhos da aprendizagem.

Tive oportunidade, em 2005, no *The Education Show de Birmingham*, de assistir a aulas que tinham um QIM como centralidade. A cor já não era o negro, o pau já não era de giz, mas os meninos estavam sentados em filas de mesas individuais, muitos de braço no ar, a “pedirem” para serem “chamados” ao quadro, a sala voltava a ter uma só parede e o professor voltava a estar emoldurado... a “dar” a lição... e isso fez-me recordar qualquer coisa... Temi que tanta tecnologia

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 7 QIM - Quadros Interactivos Multimédia

3

estivesse apenas a servir de máscara para se voltar a “ensinar” como há duzentos, trezentos ou quinhentos anos... Temi que fosse a forma escolhida pelo governo inglês de “entalar” os professores entre a tecnologia e os alunos, para que delas não pudessem “fugir”, garantindo a sua aplicação e consequente rentabilização de investimentos... Temi que alguém tivesse “descoberto” o *Santo Graal* da poupança de gastos com a educação, “conseguindo” resolver o “problema” da introdução das *TIC* na aula com apenas um computador por sala. Temi que alunos e professores se deixassem deslumbrar com esta novidade e pensassem que esta era a *escola do futuro*. Temi que nos gabinetes onde se tomam as decisões também se pensasse assim. Temi que estivéssemos apenas a assistir ao despontar de uma *tecnologicice* e não de uma nova tecnologia...

De facto, não estava sozinho nestes temores. Existem preocupações fundadas que os *QIM* sirvam de suporte ao relançamento de formas ultrapassadas de ensino, muito especialmente quando são usados apenas para a projecção de apresentações, por exemplo, não tirando partido das múltiplas ferramentas interactivas que permitem utilizar. Existe efectivamente o risco de passarem a ser entendidos como “o” meio auxiliar de ensino, em vez do que são de facto, “apenas” mais um meio auxiliar de ensino.

Mas claro que não me limitei a “temer” e também “antevi”. Antevi que os *QIM* poderiam ser utilizados para suportar espaços de debate e interacção do grande grupo na análise de simulações, na partilha de imagens de microscópio, mapas ou diagramas, como janela aberta na sala para qualquer local ou processo do mundo através da Internet, potenciando a ligação ao quotidiano e a criação de contextos mais autênticos. No fundo, o mesmo que se pode obter individualmente com um computador, acrescido de tudo que se ganha na interacção do grande grupo, sem que uma coisa tire a outra.

Felizmente os *Centros de Formação* estão atentos e o ano de 2009 será o ponto de partida em *Portugal*, para a formação em larga escala neste domínio. Já o estavam em 2008, mas não existiram cofinanciamentos para a formação contínua nesse nem em muitos outros domínios, como todos sabem.

Já agora sublinhe-se que não estamos sós em mais esta corrida. Dados de 2007 revelam, por exemplo, que no *Reino Unido* existem *QIM* em 98% das escolas secundárias e em 100% das escolas do ensino básico, enquanto nos *Estados Unidos* equipam já 13% das salas de aula.

Mas, evidentemente, temos consciência que não basta equipar as salas com *QIM* para que os níveis de interacção disparem, pelo contrário. É por isso fundamental a implicação das

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 7 QIM - Quadros Interactivos Multimédia

4

competências e qualidades profissionais dos professores, acrescidas de muita e boa formação contínua, para que este novo desafio seja verdadeiramente útil para alunos e professores.

(*) Publicado em primeira versão in Correio de Educação nº 325.